

## **“MÃE, AGORA EU TENHO QUE IR PARA A ESCOLA TODOS OS DIAS?” A INSERÇÃO E O ACOLHIMENTO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAS DURANTE O PERÍODO DE PANDEMIA DA COVID-19**

Mayra da Silva Souza <sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho é o recorte de uma monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-RIO. Cujo o objetivo foi realizar uma investigação sobre a inserção e o acolhimento de uma turma da Educação Infantil no retorno às atividades presenciais em meio a pandemia da Covid-19 no ano de 2021. Buscou-se refletir como este processo de transitoriedade aconteceu em meio a um momento atípico, em que restrições e protocolos sanitários eram impostos. O estudo traz indagações sobre o conceito de inserção, acolhimento e adaptação escolar, refletindo a amplitude e implicações desses termos, bem como compreendendo como aconteceu o processo de inserção do grupo de crianças de três anos no retorno às atividades presenciais num Espaço de Desenvolvimento Infantil do município do Rio de Janeiro. Para isso, o presente trabalho tem como referencial teórico-metodológico as contribuições de Motta (2014), Reis (2013) e Bove (2002), que discutem, as transições as quais estão submetidas as crianças nos espaços educativos e ainda conceituam e abordam sobre os termos adaptação, inserção e acolhimento. Ao longo das experiências vividas cotidianamente na turma, constatou-se que o ato de acolher, não se refere apenas ao toque físico, porém, há outros meios de acolher a criança, de modo que se sinta segura nesse novo espaço. O texto apontou ainda, a escuta atenta como uma forma de acolhimento viabilizando uma relação de confiança entre a criança, família e escola.

**Palavras-chave:** Acolhimento, Educação Infantil, Inserção, Pandemia, Criança.

### **INTRODUÇÃO**

Fecham-se as portas das escolas, mas abrem-se as telas. Telas de alguns, pois nem todos conseguiram abrir as suas. Coube à escola se reinventar, repensar sua forma de trabalho e buscar meios para tentar manter o vínculo com as famílias. Um desafio em meio ao caos!

Em março de 2020, quando foi estabelecido pelo Ministério de Saúde, por meio da Portaria n.º. 356, de 11 de março de 2020, o fechamento das escolas no município do Rio de Janeiro, no estado e no país (BRASIL, 2020b), despedimo-nos do EDI (Espaço de Desenvolvimento Infantil), das/os colegas e das crianças, com o pensamento de que tudo se resolveria e logo retornaríamos. Para alguns (colegas, famílias e crianças), não foi apenas um

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II. Professora da Educação Básica, RJ. mayrasouza0102@gmail.com.



até logo, mas infelizmente um adeus. Não tínhamos a proporção dos transtornos e danos que o vírus da Covid-19 traria.

Mergulhados numa desordem política, socioeconômica e de saúde pública, com os índices de mortalidade por causa da Covid-19 ainda elevados, tínhamos um novo para chamar de “normal”, ou seja, o novo “normal” para o atendimento à Educação Infantil. Protocolos foram criados para o retorno as atividades presenciais, voltados especificamente para a primeira etapa da educação básica, porém, com algumas contradições, tendo em vista a realidade das turmas de bebês e crianças pequenas das classes populares atendidas pela rede pública.

Imerso nesse cenário havia uma inquietação: como acolher as crianças da Educação Infantil e suas famílias, dentro do contexto pandêmico e seguindo os protocolos sanitários de forma que as vidas (crianças, famílias, professores e funcionários) estivessem, na medida do possível, seguras?

Inseridos numa nova realidade, em que vivia o mundo e que a escola retoma suas atividades e precisando acolher as crianças e suas famílias, como seria o acolhimento nesse período atípico? Como acolher as crianças com limitações no contato físico de modo a cumprir um protocolo respeitando o distanciamento social? Estas são algumas das inquietações que instigaram e inquietaram a escrita deste trabalho.

O principal objetivo da pesquisa foi compreender como ocorreu o processo de inserção/acolhimento/adaptação das crianças e suas famílias, de uma turma de maternal II, num Espaço de Desenvolvimento Infantil, durante a pandemia da Covid-19 no ano de 2021.

O estudo abordou reflexões sobre o conceito de inserção, acolhimento e adaptação escolar, refletindo sobre a amplitude e implicações destes termos, bem como, compreender como aconteceu o processo de adaptação de uma turma de crianças de três anos no retorno às atividades presenciais num EDI do município do Rio de Janeiro, os desafios encontrados pela instituição na relação com as crianças e suas famílias e no acolhimento inicial, dentro do contexto pandêmico.

Para dialogar com o tema são utilizadas as contribuições de Motta (2014), que expõe sobre, as transições às quais estão submetidas as crianças nos espaços educativos, e Reis (2013) que busca compreender como um grupo de crianças de dois anos vivenciou sua entrada/inserção em uma instituição de Educação Infantil, conceituando e discutindo no texto os termos adaptação, inserção e acolhimento, ainda buscou-se nos estudos de Bove (2002) compreender a experiência de inserção e acolhimento em Reggio Emília instituição referência no atendimento a Educação Infantil



A pesquisa ocorreu em uma turma de maternal II (crianças de três e quatro anos) em um Espaço de Desenvolvimento Infantil localizado na Zona Oeste no município do Rio de Janeiro, que atende turmas de maternal I e II. A instituição havia retomado suas atividades presenciais com as crianças no mês de maio do ano de 2021, após um ano em atividade/atendimento remoto.

## **METODOLOGIA**

O percurso metodológico utilizado para fazer a investigação é de natureza qualitativa, desenvolvida em campo, cujo instrumentos utilizados foram a observação participante, o diário de campo e o levantamento bibliográfico sobre o tema. De acordo com Minayo (2001, p. 21-22),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, qual o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, e atitudes, o que corresponde um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa refuta às questões particulares, ou seja, o que o pesquisador deseja investigar no campo, encontrando respostas ou não para seus indícios. Não busca “objetivamente” os dados sem considerar as relações estabelecidas entre os sujeitos da pesquisa, porém penetra no campo das significâncias das ações e relações humanas (MINAYO, 2001), buscando na interação com os sujeitos e objeto de pesquisa compreender a realidade e questões do campo.

Nesse sentido, buscando compreender a nova realidade e questões do campo, que o estudo foi dividido em três etapas. Primeiramente, foi realizado um acompanhamento de como aconteceu, ainda em atividade remota, o acolhimento pela instituição às crianças e suas famílias. Observando quais estratégias foram utilizadas para inserir e estabelecer vínculo da instituição com as crianças e famílias mesmo que à distância.

O segundo momento foi a observação e acompanhamento da acolhida e inserção das crianças ao retorno as atividades educativas presencialmente. E a terceira e última etapa foi o levantamento bibliográfico, a fim de buscar aportes teóricos que discutissem sobre o momento de acolhimento e inserção das crianças e suas famílias na escola de Educação Infantil.



## ENTRE A INSERÇÃO E O ACOLHIMENTO

### O ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A ato de acolher na Educação Infantil, é um processo complexo que envolve múltiplos fatores. É um processo contínuo que não se restringe apenas ao momento inicial da criança na instituição, porém, quando esta precisa e deseja ser acolhida. Acolhimento requer segurança, confiança, respeito, atenção, escuta sensível, corpo, interação, presença etc. Sendo o acolhimento uma ação e atitude complexa, que requer uma interação entre os sujeitos.

Já o processo de inserção na instituição de Educação Infantil é o momento de ingresso da criança na instituição. Durante longos anos o termo “adaptação” tem sido utilizado para se referir a esse momento, porém na pesquisa optou-se por utilizar o termo “inserção”, pois considera-se que o termo adaptação remete a uma ação passiva, onde o sujeito não interage na situação, porém apenas precisa se adequar a um padrão, ou seja, sua presença não gera mudanças no meio (REIS, 2013).

O cerne do presente estudo era compreender como aconteceu o processo de inserção/acolhimento das crianças e suas famílias em uma instituição de Educação Infantil durante o período de pandemia da Covid-19. Entende-se que o ato de acolher é uma atitude rotineira, que não se restringe apenas ao momento de entrada inicial da criança na escola de Educação Infantil, mas de “alteridade e abertura ao outro”, quando este necessita ser acolhido (FOCHI, 2020, p. 13).

O uso do termo “inserção” empregado nesta pesquisa baseia-se na perspectiva das escolas infantis italiana de Reggio Emilia, e como conduzem este momento de primeiro ingresso das crianças e suas famílias nas instituições de Educação Infantil (BOVE, 2002). Nesta abordagem, utiliza-se a palavra *inserimento*, porém traduzindo para a língua portuguesa utiliza-se a palavra *inserção* (NETTO, 2017). O termo “inserção”, que segundo o dicionário Michaelis é definido como: *1. Ato ou efeito de inserir(-se); fazer entrar ou introduzir. Inserir: Fazer(-se) admitir ou receber em coletividade grupo.*

Segundo Motta (2014), quando se discute sobre o *inserimento* conforme a perspectiva italiana, este processo de acolhida da criança e sua família na instituição é considerado como um processo ilimitado não se restringindo a um tempo específico. Ainda de acordo com a autora, este processo inicial, conta com a participação das famílias no espaço educativo. De forma que favoreça a segurança da criança neste espaço, viabilizando que os educadores firmem vínculos com ela.



O conceito italiano de inserção designa o processo inicial de acolhida da criança a nova comunidade. [...] Baseia-se principalmente em uma ampla variedade de estratégias que tem por objetivo encorajar o envolvimento dos pais e tem início antes mesmo do ingresso da criança na creche ou pré-escola. (BOVE, 2002, p. 135).

Ou seja, o momento de inserção da criança na instituição educativa não pode ser considerado como um mero “ajustamento”, tal como remete o sentido da palavra adaptação, mas um momento de acolhida, de estreitamento de vínculos, de segurança e confiança, desta forma dá-se a oposição de sentido e uso de tais palavras.

Neste movimento de acolhida, de amparo às necessidades do outro, de contato e diálogo, vale a pena refletir sobre o sentido do termo “acolhimento” nesta primeira etapa da educação básica. De acordo com o dicionário Michaelis a palavra em questão é definida como: *1. Ato ou efeito de acolher; acolhida... 3. Lugar onde se encontra amparo, proteção; refúgio.*

Nesse sentido, o ato de acolher implica em afeto, sensibilidade, amparo, estar disposto às necessidades do outro. Considera-se que a inserção e o acolhimento sejam ações conjuntas, pois um termo depende do outro para que as crianças e suas famílias se sintam seguras no espaço educativo e na relação com os educadores.

De acordo com Motta (2014, p. 218), “a proximidade dos conceitos de “inserimento” e “acolhimento” parece evidente, na medida em que ambos nos remetem a um processo, e não a um período, e pressupõem uma relação de natureza dialógica com as crianças e suas famílias.” Sendo assim, os sentidos empregados às palavras supracitadas, de nada implicam se na ação educativa o processo de inserção/acolhimento não for pensado de uma forma que transmita segurança e afeto às crianças e suas famílias. De forma que pense nesta criança como sujeito ativo, capaz e que estabelece relação com o meio em que se insere

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **“MÃE, AGORA EU TENHO QUE IR PARA A ESCOLA TODOS OS DIAS?”**

Após o terceiro dia frequentando o EDI um menino com três anos de idade faz o questionamento, que dá título a este subitem, à sua mãe. Era a primeira experiência dessa criança numa instituição educativa. O novo espaço lhe causou estranhamento, isto ficou evidente em seu rostinho regado em lágrimas. Sentia falta de sua casa, sentia falta de sua mãe,

pai e irmão. Despediu-se das professoras. Agora ele só retornaria após sete dias, quando chegasse a semana do seu grupo<sup>2</sup> frequentar novamente o EDI de forma presencial.

O escalonado por grupos, foi uma das intempéries do processo de inserção no período pandêmico, pois as crianças ficavam de uma a duas semanas aguardando para retornar à escola. Sem contar, quando havia casos confirmados e/ou suspeitos de Covid, onde as crianças e educadores deveriam ficar em “atividade remota” por 14 dias, de acordo com o protocolo sanitário. Com esse vai e vem entre presencial e remoto, algumas crianças demoraram a se habituar ao cotidiano da creche e se apropriarem do espaço, isto fica evidente no questionamento de Josué<sup>3</sup> à sua mãe.

Este processo de inserção é um momento de ruptura, de conviver em outro espaço externo ao seu núcleo familiar, um momento de separação que gera angústia, desconfiança, tristeza, ou seja, múltiplos sentimentos. Porém, observando este grupo desde maio/2021, percebi que neste grupo de 12 crianças, apenas 3 demonstraram resistência em permanecerem na escola e necessitaram de uma atenção mais específica neste período de inserção/acolhimento. A maioria das crianças vinha para o EDI com o desejo de brincar com seus pares, isto ficou evidente em algumas falas, tal como a da Maria, que no primeiro dia de aula assim que chegou na porta cumprimentou seus pares com muita animação:

- *“Oi, amiguinhos, Maria chegou!”*

Houve um dia, que as crianças do grupamento da Maria, não foram para a escola. Percebemos sua inquietação, procurando uma criança para brincar, visto que não havia crianças em sua sala. O relato a seguir discorre como que ocorreu esta cena:

Hoje, o dia amanheceu nublado, com isso, poucas crianças compareceram no EDI. Quando o tempo está assim, geralmente a frequência fica baixa. Alguns responsáveis já sinalizaram logo cedo pelo celular, que algumas crianças não viriam para a escola, visto que estavam resfriados. Toca o sinal às 07h30. O portão é aberto para as crianças e responsáveis entrarem. Alguns minutos depois, chega uma menina, alegre, sorridente, animada para mais um dia na escola. Após alguns minutos fecha-se o portão e a menina fica na sala entretidas com os brinquedos. Ela começa ficar inquieta, em busca de outras crianças para brincar. Ela circula pela sala em busca de brinquedos e materiais. Até que num dado momento, ela percebe uma movimentação no espaço externo a sala. Um grupo de crianças aparecem brincando no pátio, Maria vira para a professora e fala - *“Ali tem amiguinhos!”* Logo após ela se aproxima da porta e diz: *“Crianças vem brincar!”* (Registro 26/05/2021).

---

<sup>2</sup> Foi adotado o esquema de escala por grupos, para atender aos alunos presencialmente nas escolas municipais da prefeitura do Rio de Janeiro. Cada grupo frequentaria por uma semana a escola. As crianças que não estariam presencialmente, ficariam em atividades remotas.

<sup>3</sup> Para garantir o sigilo da identidade das crianças foram utilizados nomes fictícios.

Ao observar esta cena me questiona-se sobre o cumprimento do protocolo sanitário que dizia para evitar interação entre os grupamentos para que não se misturassem entre si. Como fazer neste caso, onde a criança anseia brincar, deseja interagir com seus pares?

De acordo com o protocolo sanitário versão 1.3 quanto ao uso do pátio e da sala de referência ou atividade:

- 7.9.6. Deverá ser respeitado o uso do espaço por um agrupamento de crianças por vez.
- 7.9.7. Os banhos de sol em espaços coletivos deverão ser limitados à quantidade de crianças que permita o distanciamento de 1,5 metro.
- 7.9.8. Para crianças a partir de 4 anos, recomenda-se que sejam utilizadas mesas individuais ou mesas que seguem o padrão de refeitório, com as crianças sentadas em organização diagonal e com distanciamento mínimo de 1,5 metro entre elas.
- 7.9.9. Limitar o número de contatos próximos a cada criança e equipe, com pequenos grupos e funcionários permanentes para cada grupo.
- 7.9.10. Fazer intervalos intercalados entre as turmas para reduzir a quantidade de crianças em um mesmo espaço.
- 7.10.1. O uso do parquinho para crianças de até 3 anos, que não tem a obrigatoriedade do uso de máscara, deverá ser feito em pequenos agrupamentos rígidos que não se misturam entre si. (RIO DE JANEIRO/RJ, 2021a).

Mediante isto, me questiona-se e pondera-se em como garantir uma Educação Infantil de qualidade, que respeite os regimentos sanitários e acima deles, respeite os documentos legais que norteiam a etapa?

Quando retornaram, as crianças demonstravam o intenso desejo em se encontrar brincar estar em contato com outras crianças. Em diferentes momentos, ao longo dos dias, era perceptível que elas queriam brincar com seus pares. Queriam trocar brinquedos, contar novidades, o “X” que sinalizava o distanciamento, chegou um momento que as crianças não conseguiam respeitar, pois o desejo de estar junto era maior do que a regra. Diante disso, como garantir que os direitos de aprendizagem das crianças sejam respeitados e efetivados, sem transgredir as orientações do protocolo sanitário? Será que esse protocolo respeita esta criança? Para qual criança o protocolo foi pensado?

Dentre os vários momentos, desse desejo de interagir entre si, uma cena que chamou atenção foi quando Sara em seu primeiro dia de aula, onde as crianças do seu grupo não foram para a escola naquele dia, fala para as professoras da turma:

- *“Tia não quero mais ficar aqui. Aqui não tem criança para brincar”.*

Sobre este olhar da qualidade dos relacionamentos que acontecem no cotidiano da Educação Infantil, de acordo com Guimarães (2011, p. 2),

A dimensão da alteridade da criança convoca-nos a lançar nosso olhar para a qualidade dos relacionamentos no dia a dia da Educação Infantil. É a partir do reconhecimento das ideias, brincadeiras, interesses, medos e alegrias de cada criança que se constituem sua autonomia, autoestima e autoconfiança. À medida que há



possibilidade para experiências e objetos pessoais; para as ideias que a criança traz; para as escolhas dela, o vínculo com os adultos e com o espaço é fortalecido, assim como a percepção de si mesma como importante e capaz. Ao mesmo tempo que é escutada, a criança vai incorporando o desafio de escutar, considerar a presença e a ideia do outro, compreendendo a diversidade como riqueza no cotidiano.

Com este fragmento supracitado e o desabafo desta criança, pressupõe no porquê essas crianças, diferentemente dos outros anos, vieram para a escola com o desejo intenso em ter de uma companhia para brincar? Seria este um dos reflexos do período de isolamento social?

As experiências de acolhimento e inserção das crianças no retorno às atividades presenciais foram diversas, assim como acontece costumeiramente num processo inicial de inserção. Porém com o advento da pandemia algumas questões ficaram mais evidentes.

Foi percebido ao longo da pesquisa que, pelo fato de terem possuído contato inicial pelo aplicativo, as crianças que participavam do encontro remoto, já conheciam as professoras da turma e alguns dos seus colegas, estas crianças não tiveram tanta dificuldade para se inserirem no EDI.

A questão do contato físico era uma das questões que mais inquietava a pesquisadora. Como acolher a criança sem necessariamente um contato físico, sem o toque, já que estávamos limitados por causa dos riscos de contágio? Com as situações cotidianas, foi possível compreender que de fato, o colo é um elemento necessário para acolher, aconchegar e acalantar uma criança, porém o ato de acolher não se resume a essa ação.

Com o desenvolvimento das aulas e na investigação nos textos percebeu-se que o acolhimento pode acontecer de diferentes formas, a criança pode ser acolhida por meio de um olhar atencioso do adulto, com a escuta atenta e até mesmo ser acolhida com o silêncio.

Assim, restringidos pelo toque físico, mas não impedidos de conectarmos ao outro com os múltiplos sentidos que o corpo dispõe, percebeu-se que para acolher uma criança nem sempre é necessário um colo, mas é necessário compreender esse momento de ruptura, de inserção, de transição em que esta criança está.

Como nesse ano a inserção e acolhimento da turma foi em pequenos grupos, não com as 25 crianças todas juntas no mesmo momento, como ocorre comumente todos os anos, foi possível dar uma maior atenção para as crianças neste momento inicial. Escutar seus anseios, desejos etc., estar mais próximo a cada uma delas atendendo suas necessidades, auxiliando no reconhecimento do espaço e aos poucos indo se apropriando dele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar sobre o processo de inserção e acolhimento no retorno às atividades presenciais durante a pandemia provocava uma certa preocupação com a inviabilidade de estabelecer o toque físico com a criança no momento da acolhida e se as crianças se sentiriam acolhidas mesmo com as barreiras impostas pelo protocolo sanitário.

Ao longo das experiências vividas cotidianamente na turma, foi possível constatar que o toque físico em alguns momentos pode sim ser substituído pela doação do tempo de qualidade, pela escuta atenta, pelo olhar atencioso e sincero, ou seja, pelos múltiplos sentidos. Porém, mesmo não sendo a única forma de acolher, o abraço e o colo ainda assim são elementos importantes neste processo de inserção e acolhimento ao longo de todo o ano, não apenas no contato inicial.

Ao longo da pesquisa observou-se que o acolhimento às crianças e suas famílias durante o período de pandemia foi processual, ocorrendo antes mesmo da entrada delas na instituição. O contato direto por meios virtuais de comunicação aproximou a escola das famílias.

Foi possível refletir que a escuta também é uma forma de acolhimento, acolher na escuta, oportuniza uma relação de estreitamento de vínculo e confiança das famílias com a instituição. É competência da instituição e do professor que organizem meios de acolher as crianças e suas famílias de maneira que diminuam as inseguranças, e ansiedades, as quais influem na criança prejudicando sua inserção na instituição (OLIVEIRA, 2011).

Durante a pesquisa e por ainda (naquele período) o país viver num momento pandêmico e de incertezas, mudanças foram ocorrendo na logística do EDI e no regimento de retorno às atividades presenciais nas escolas públicas da rede municipal na cidade do Rio de Janeiro.

Quando a pesquisa iniciou, as crianças ainda estavam em regimento de escalonado separadas por grupo semanais. No segundo semestre, o protocolo sanitário foi alterado, tendo em vista a diminuição no número de casos de Covid-19 e o avanço da vacinação na população, o regimento de frequência em grupos foi extinto.

As crianças que optaram pelo retorno frequentavam a escola presencialmente, as famílias que se recusavam a retornar presencialmente, continuaram em atendimento remoto. No mês de outubro do ano de 2021 todas as crianças, que não tinham comorbidades comprovadas, tiveram que retornar ao atendimento presencial. Ao longo da pesquisa, o protocolo sanitário sofreu modificações e atualizações, sendo publicada em outubro de 2021 a sua nona versão. Com essas mudanças, informações chegando e sendo modificadas a cada semana, coube a escola acolher constantemente as famílias das crianças e suas angústias.

## REFERÊNCIAS

BOVE, Chiara. Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. *In*: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (Orgs.). **Bambini**: a abordagem italiana à Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.134-149.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CEB. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, 2009.

\_\_\_\_\_. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopses Estatísticas da Educação Básica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2020. 2020a. Disponível em: < <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-basica>>. Acesso em: 18/set./2020.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF 1998.

\_\_\_\_\_. SECRETARIA-GERAL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **Lei nº 13.982, de 2 de abril de 2020**. Altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, para dispor sobre parâmetros adicionais de caracterização da situação de vulnerabilidade social para fins de elegibilidade ao benefício de prestação continuada (BPC), e estabelece medidas excepcionais de proteção social a serem adotadas durante o período de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19) responsável pelo surto de 2019, a que se refere a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Brasília, DF. 2020d. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2019-2022/2020/lei/113982.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/lei/113982.htm)>. Acesso em: 17/jul./2021.

CAMPOS, M. M. et al. **Para um retorno à escola e à creche que respeite os direitos fundamentais de crianças, famílias e educadores**. ANPED, maio 2020. Disponível em: [http://www.anped.org.br/sites/default/files/images/para\\_um\\_retorno\\_a\\_escola\\_e\\_a\\_creche2.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/images/para_um_retorno_a_escola_e_a_creche2.pdf). Acesso em 22 jul. 2021.

CRUZ, S. H. V; MARTINS, C, A; CRUZ, R. C. A. A educação infantil e demandas postas pela pandemia: intersectorialidade, identidade e condições para o retorno às atividades presenciais. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 147-174, jan./jan., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512

FOCHI, Paulo Sergio. **A relação entre adultos e crianças na educação infantil: reflexões emergentes no observatório da cultura infantil–OBECI**. Educação Unisinos, v. 24, n. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/341132242\\_A\\_relacao\\_entre\\_adultos\\_e\\_crianças\\_n\\_a\\_Educacao\\_Infantil\\_reflexoes\\_emergentes\\_no\\_Observatorio\\_da\\_Cultura\\_Infantil\\_-OBECI](https://www.researchgate.net/publication/341132242_A_relacao_entre_adultos_e_crianças_n_a_Educacao_Infantil_reflexoes_emergentes_no_Observatorio_da_Cultura_Infantil_-OBECI)> Acesso em: 5 de maio de 2021.

GUIMARÃES, Daniele. As manifestações infantis e as práticas pedagógicas. **Educação infantil e ensino fundamental**: contextos, práticas e pesquisa. Rio de Janeiro: Nau Editora: Edur, 2011.

KRAMER, Sonia. Na pré-scola, na escola: a insustentável leveza de ser e estar com crianças? *In*: Cintra, Rosana Gonçalves Gomes. (Org.). **Desafios da prática docente na educação da infância**: pesquisas no cenário contemporâneo. 1ed. Campo Grande/MS: Oeste, 2014, v. 1, p. 13-36.



OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Pedagogia (s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. Modelos curriculares para a educação de infância. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia *et al.* **Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado construindo o futuro**: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Docência em Formação).

RIO DE JANEIRO/RJ. CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. **Deliberação e/CME n.º 45, de 08 de dezembro de 2020**. 2020a. Disponível em: <[https://doweb.rio.rj.gov.br/apifront/portal/edicoes/imprimir\\_materia/698775/4765](https://doweb.rio.rj.gov.br/apifront/portal/edicoes/imprimir_materia/698775/4765)>. Acesso em: 5/jul./2021.

\_\_\_\_\_. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. **Resolução conjunta SME/SMS n.º 02, de 10 de fevereiro de 2021**. 2021a. Disponível em: <[https://doweb.rio.rj.gov.br/apifront/portal/edicoes/imprimir\\_materia/709526/4839](https://doweb.rio.rj.gov.br/apifront/portal/edicoes/imprimir_materia/709526/4839)>. Acesso em: 5/jul./2021.

\_\_\_\_\_. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ATO DO SECRETÁRIO. **Resolução SME n.º 250, de 11 de fevereiro de 2021**. Regulamenta o retorno das aulas presenciais nas Unidades Escolares da Rede Pública Municipal de Ensino e dá outras providências. **2021b**. Disponível em: <[https://doweb.rio.rj.gov.br/apifront/portal/edicoes/imprimir\\_materia/709740/4840](https://doweb.rio.rj.gov.br/apifront/portal/edicoes/imprimir_materia/709740/4840)>. Acesso em: 15/ ago./ 2021.

\_\_\_\_\_. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Indicação n.º 11/2020 indicações preliminares para a educação carioca no contexto da pandemia**. 2020c. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/10912399/4294208/INDICACAOCME1120.pdf>> Acesso em: 5/jul./2021.

\_\_\_\_\_. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Deliberação e/CME n.º 39, de 02 de abril de 2020**. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/transparencia/legislacao-coronavirus-1sem-2020>>. Acesso em: 10/jul./2021. 2020b.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA SAÚDE/GABINETE DO MINISTRO. **Portaria n.º 356, de 11 de março de 2020**. Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei n.º 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). Brasília, DF. 2020b. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>>. Acesso em: 17/jul./2021.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - covid-19. Brasília, DF. 2020c. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>> Acesso em: 19/jul./2021.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 28/jul./2021



MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOTTA, Flávia. Notas sobre o acolhimento. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 04, p. 205-228, Outubro-Dezembro 2014.

REIS, Lucilaine Maria da Silva. Inserção e vivências cotidianas: como crianças pequenas experienciam sua entrada na educação infantil. **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, Goiânia - GO v. 36, 2013. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/insercao-e-vivencias-cotidianas-como-criancas-pequenas-experienciam-sua-entrada-na>. Acesso em: 16 jun. 2021.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde *et al.* **Os fazeres na educação infantil**. 12a ed. Ribeirão Preto, São Paulo: Cortez, 2011.